

ENVELHECENDO COMO PROFESSOR DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM OLHAR SOBRE O CORPO E A PROFISSÃO

AGING AS A PHYSICAL EDUCATION TEACHER: A DISCUSSION ABOUT THE BODY AND THE PROFESSION

Alan Camargo Silva*
Sílvia Maria Agatti Lüdorf**

RESUMO

O envelhecimento é uma temática que vem sendo estudada por diferentes áreas, mas há uma lacuna no que se refere a estudos sobre o envelhecimento do professor de Educação Física. O objetivo deste estudo é discutir alguns aspectos sobre o processo de envelhecimento desse professor, a eventual particularidade da profissão e os significados atribuídos ao corpo pelos professores. Os dados foram coletados a partir de entrevistas em profundidade e da aplicação de questionários abertos a docentes de escolas e universidades. O processo de envelhecimento foi visto de maneira positiva, pois os saberes adquiridos, a busca constante de renovação do conhecimento e os conhecimentos específicos sobre o corpo foram mencionados como vantagens que a profissão pode proporcionar. A peculiaridade de atuar na prática, no entanto, remeteu ao significado do corpo como instrumento de trabalho, principalmente quando associado a um estereótipo jovial, ao desgaste e ao desempenho físico.

Palavras-chave: Corpo. Envelhecimento. Educação Física.

INTRODUÇÃO

A temática do envelhecimento vem suscitando interesse de diferentes áreas, sobretudo diante de dados demográficos que demonstram o aumento da longevidade e, por consequência, a representatividade de idosos na população, não apenas no Brasil, onde esse fenômeno é mais recente. Não obstante, abordar o envelhecimento na sociedade contemporânea implica em considerar, além dos aspectos físico-biológicos ou demográficos, absolutamente importantes, também as implicações histórico-culturais que envolvem o sujeito diante do passar dos anos (BEAUVOIR, 1976; MASCARO, 2004; DEBERT, 2004, 2007; BARROS, 2007).

O envelhecimento é um processo que se desenvolve nos planos individual e coletivo e sob diferentes influências de ordem sociocultural, tornando-se um processo multifacetado (LIMA; SILVA; GALHARDONI, 2008). Destarte, analisar os significados

atribuídos a esse processo, as particularidades de cada indivíduo e até mesmo de uma profissão, é fundamental para o enriquecimento das abordagens sobre o assunto.

Neste estudo, pretende-se direcionar o foco ao processo de envelhecimento do professor e, mais especificamente, do professor de Educação Física. Stano (2001), uma das raras referências sobre o envelhecimento do professor, detectou em seu estudo que a identidade do professor no processo de envelhecimento é diferenciada, uma vez que ele costuma, durante toda a vida, estar preocupado em aprender para si, para ensinar/educar o outro. Nóvoa (2007), por sua vez, considera o tempo para assimilar mudanças e acomodar inovações um aliado importante da identidade docente, pois a define como um processo complexo de (re)construção de maneiras de ser e de estar na profissão.

Longe da preocupação de generalizar ou universalizar o percurso profissional docente, Huberman (2007) buscou compreender algumas “tendências centrais” no ciclo de carreira dos

* Mestre em Educação Física. EEFD da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

** Doutora. Professora Adjunta da EEFD/Universidade Federal do Rio de Janeiro.

professores. Ao analisar o percurso profissional desde a formação inicial (graduação), o autor identificou algumas fases características: a) entrada na carreira: momento de busca de equilíbrio entre o entusiasmo com a nova profissão (e suas responsabilidades) e as dificuldades derivadas da realidade prática; b) estabilização: fase de consolidação pedagógica, atitude profissional mais responsável e confiante; c) diversificação: estágio de experimentação em todos os sentidos, questionamento da rotina profissional e/ou busca de atualização ou de inovação na docência; d) serenidade e distanciamento: fase em que ocorre diminuição do investimento no trabalho e na ambição profissional e que é marcada também por certo distanciamento afetivo dos alunos; e) desinvestimento: estágio em que os professores “libertam-se” do investimento no trabalho para dedicar-se mais à vida pessoal, havendo certo descomprometimento e olhar crítico em relação à profissão.

No caso do professor de Educação Física, há indícios de certas particularidades associadas a essa profissão, como, por exemplo, as relativas à trajetória de trabalho, à saúde e ao corpo, que mereceriam especial atenção.

De modo ilustrativo, Folle et al. (2009), ao estudarem histórias de vida de professores de Educação Física, detectaram que, independentemente da época em que esses profissionais tenham se formado e do âmbito de sua atuação profissional, as características das trajetórias profissionais se assemelham às fases delineadas por Huberman (2007). Santos, Bracht e Almeida (2009) verificaram que a história biográfica do professor de Educação Física pode determinar o desenvolvimento profissional como, por exemplo, a direção dada à carreira, o nível de (des)comprometimento com o ensino, as perspectivas futuras na profissão e o modo como lidam com momentos críticos na atuação profissional.

A saúde do professor de Educação Física, por sua vez, é um aspecto que vem sendo alvo de recentes estudos, normalmente associados às condições de trabalho do professor. As pesquisas apontam a prevalência de elevada carga de trabalho físico e alta vulnerabilidade pela exposição a condições inadequadas de

atuação profissional, seja em âmbito escolar (SANTINI; MOLINA NETO, 2005; LEMOYNE et al., 2007; BATISTA, 2008; BOTH; NASCIMENTO; BORGATTO, 2008) seja nas academias de ginástica, na área de treinamento (ESPÍRITO-SANTO, 2005; PALMA et al., 2006; PALMA et al., 2007). Tais situações podem gerar desconfortos maiores com o avançar da idade.

Em relação ao corpo, Lüdorf (2004) identificou preocupação dos professores de Educação Física com a aparência e funcionalidade do corpo, pelo fato de se utilizarem dele em suas práticas, quer como mediador da intervenção profissional quer como referência ou modelo almejado pelos alunos. Em pesquisa com professores de academias de ginástica, essa preocupação é ainda mais acentuada (FREITAS; SILVA; LUDORF, 2008).

Note-se que tais estudos tratam de questões pertinentes à carreira e às condições de trabalho do professor de Educação Física, mas em revisão de literatura efetuada em bases de dados nacionais e internacionais (como por exemplo, SciELO, LILACS, IBECs, MEDLINE, Biblioteca *Cochrane*, ISI e ERIC), até onde se pôde verificar, não foram encontrados estudos a respeito de como o processo de envelhecimento se relaciona com essa profissão. Pesquisas que analisem os sentidos e significados que o professor de Educação Física atribui ao corpo ao longo de sua carreira são igualmente escassas. Quais seriam as eventuais implicações do envelhecer para o professor de Educação Física? Como o professor de Educação Física se sente nesse processo? Quais seriam as concepções de corpo que permeariam a trajetória do professor?

Em face do intuito de sinalizar a importância de se discutir a temática do envelhecimento do professor de Educação Física e da lacuna identificada, o objetivo do presente artigo é discutir alguns dos aspectos que transpassam as relações entre o processo de envelhecimento e o professor de Educação Física. Mais especificamente, pretende-se analisar a eventual particularidade da profissão e os significados atribuídos ao corpo, que emergiram a partir das opiniões dos próprios professores.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo é de natureza qualitativa, cuja principal função é compreender as particularidades, sem a pretensão de generalizações ou de aprisionamento arbitrário e precoce do problema exposto (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998). Beauvoir (1976) afirma que, por meio de aproximações e de contrastes oriundos de estudos qualitativos pode-se esperar que fiquem elucidadas relações significativas sobre a temática do envelhecimento.

Como se pretende estudar o processo de envelhecimento associado ao professor de Educação Física, a opinião desses profissionais foi privilegiada. Conforme Stano (2001), o perfil de docente é evidenciado quando os professores assumem turmas sob sua responsabilidade, por determinado período. Este se constituiu como o primeiro critério para seleção dos sujeitos, o que levou a optar por professores atuantes tanto no ensino superior (em curso de graduação em Educação Física) como na escola, uma vez que ambos se encaixariam nessa exigência. Outros critérios foram: possuir graduação em Educação Física e estar na fase de “diversificação” ou “serenidade”, ou seja, estar atuando por volta de 15 a 25 anos no mercado de trabalho, conforme delineado por Huberman (2007), uma vez que um dos equívocos em estudos sobre o envelhecimento consiste em delimitar arbitrariamente os sujeitos pela idade cronológica (DEBERT, 2007).

Desta maneira, onze professores participaram da presente pesquisa, sendo identificados pelas designações “P1”, “P2”, etc., em que “P” significa Professor. Destes, quatro são professores universitários de um curso de graduação em Educação Física (P1 a P4), cujos depoimentos foram obtidos por meio de entrevistas em profundidade. As entrevistas foram conduzidas com base em um roteiro semiestruturado, que permitia a abordagem livre a partir de perguntas relacionadas à trajetória profissional, às concepções sobre envelhecimento e às eventuais relações do processo de envelhecimento com a carreira e o corpo. Os depoimentos foram gravados e transcritos na íntegra. Quanto aos professores de escola, foram realizadas duas entrevistas (P5 e

P6) e aplicados cinco questionários (P7 a P11), de caráter exploratório, com as seguintes perguntas: a) “O que significa envelhecer para você?”; b) “Para você, quais são os aspectos positivos e os negativos ligados ao envelhecimento?”; c) “Você tem alguma preocupação em relação ao envelhecimento? Qual(is)?”; d) “De que maneira o envelhecimento se relaciona com sua vida profissional?”; e) “Como você se sente em relação ao seu corpo e à profissão, com o passar dos anos?”.

O tempo de atuação dos profissionais na área varia de 14 a 30 anos.

Os dados aqui discutidos referem-se a essas primeiras incursões no campo, como parte de um projeto de pesquisa mais amplo, ainda em curso (trata-se do projeto intitulado “O professor de Educação Física e o envelhecimento: corpo, saúde e (im)possibilidades profissionais”, sob a coordenação da Profa. Dra. Sílvia Maria Agatti Lüdorf do Núcleo de Estudos Sociocorporais e Pedagógicos em Educação Física e Esportes financiado pela FAPERJ–auxílio APQ1). Os participantes do estudo assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, conforme os preceitos éticos estabelecidos para pesquisas realizadas com seres humanos. O presente estudo está respaldado pelo processo 52/2008, com o Parecer n.º 04/2009 do Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Estudos de Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ).

A análise preliminar foi realizada, em uma primeira etapa, a partir da “leitura flutuante”, proposta por Minayo (1994) e Turato (2003), que proporciona contato com os dados, ao mesmo tempo em que se destacam as primeiras aproximações interpretativas. Já em um segundo momento, a interpretação dos dados foi realizada mediante o agrupamento de frases e expressões em torno de temas, alguns já previstos, além de outros que emergiram da empiria. O intuito foi revelar e aprofundar os aspectos considerados centrais pelos informantes (SANDELOWSKI; BARROSO, 2003).

INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

O grupo de professores de Educação Física analisado evocou algumas contribuições

consideradas positivas em relação ao envelhecimento, tanto de maneira espontânea quanto mediante indagações sobre os aspectos inerentes ao passar dos anos:

“A gente fica mais maduro e você vê o mundo de uma maneira diferente, vê as pessoas de maneira diferente, o seu relacionamento com o mundo e com as pessoas é diferente”. (P1)

“[...] é a sabedoria, né? É, você saber envelhecer, que a gente só vai descobrir no final, que a gente não pode voltar no início, e que a gente só vai concluir e aprender também envelhecer no final. Se pudesse estar utilizando desde o início, eu acho que isso é um ponto positivo [...] A sua experiência que você adquire, no sentido de você ter mais paciência, acho que aí está mais voltado para o sentido do comportamento em relação às questões sociais. Pelo menos é o que a gente tenta: ter mais paciência, principalmente quando eu estou trabalhando”. (P2)

“As experiências vividas propiciam maiores possibilidades de aprendizagem nos diferentes setores [...] Percebo que hoje tenho uma visão da vida mais ampla e equilibrada, consequência do processo de amadurecimento”. (P9)

O pressuposto de que a sabedoria, a experiência e os conhecimentos acumulados são algumas das vantagens de que as pessoas de mais idade podem se aproveitar para almejar determinado reconhecimento e respeito perante dado grupo social se confirma nas ideias de Beauvoir (1976) e Debert (2004). No caso do meio social em que o professor de Educação Física trabalha, transparece que essas características, provindas da maturidade, proporcionariam maior credibilidade ao atuar na profissão, em comparação ao início de carreira. De certa forma, esses achados confirmam a perspectiva de Huberman (2007), uma vez que os professores investigados no presente estudo, provavelmente, estão vivendo o clímax da produtividade na profissão e já ultrapassaram

o momento de início de carreira, caracterizado por dificuldades e descobertas da prática.

A relação estabelecida entre o envelhecimento e o aprendizado constante, processos muitas vezes ligados à condição de ser professor, também pode ser vista nos trechos a seguir:

“Você quer aprender mais, você quer fazer coisas, aquilo vai abrindo possibilidades, você quer fazer aquilo, te abre um leque enorme de projetos que você pode estar avançando. Eu acho que isso é um crescimento. É você se envolve ali, se envolve aqui, quando vai ver está fazendo um milhão de coisas ao mesmo tempo. [...] Eu tenho visto que eu “tô” envelhecendo, mas eu procuro não envelhecer, sabe, minha cabeça, eu procuro sempre me policiar, para não ser uma pessoa velha e ranzinza. Porque há várias maneiras de envelhecer. Eu não quero ser uma pessoa velha no sentido da palavra. Eu quero ser uma pessoa de idade, mas uma pessoa de cabeça, uma pessoa intelectual, uma pessoa que consiga raciocinar, que consiga acompanhar a evolução, a modernidade, não ficar parada no tempo”. (P1)

“[...] me vejo como professora num âmbito mais geral, na medida em que me situo como alguém em busca do autoaperfeiçoamento e daqueles em que estiver me relacionando, seja profissional seja pessoalmente. [...] envelhecer é algo natural e desejado”. (P9)

“Significa mais uma etapa da vida, em uma nova experiência, e a possibilidade de realizar outras coisas diferentes após a aposentadoria”. (P11)

Nesses casos, o envelhecimento é visto como um processo natural, positivo e produtivo, uma vez que, conforme observado, os professores constantemente buscam metas e tarefas para cumprir no sentido de dar significado à vida, tentando se afastar ao máximo da futura e possível “inatividade” da aposentadoria, bem como de aspectos de senilidade (BEAUVOIR, 1976; DEBERT 2004; BARROS, 2007). O profissional que busca

atualização constante talvez sirva de modelo, a partir de suas crenças, atitudes, posturas e hábitos. Para Stano (2001): “[...] ser professor/a sugere um trabalho constante com a busca do relevante, com a procura do novo, do atual.” (p. 71).

Embora os achados obtidos no presente estudo não possam ser considerados imutáveis ou verdades absolutas, a maneira como os professores de Educação Física se referem ao corpo e ao envelhecimento fornece indícios para a compreensão dos significados atribuídos a esses termos e suas eventuais relações. Como evidenciado nos exemplos a seguir, o modo de viver do professor de Educação Física, com o passar dos anos, pode ser aceito de maneira serena e natural, e o corpo é evocado a partir de seu sentido físico, contrapondo-o à mente:

“A nossa cabeça também já vai modificando, a nossa vontade, a nossa disposição para as coisas, as coisas vão se equilibrando, vão acompanhando, então isso vai vindo natural, pelo menos para mim. [...] A gente fica mais maduro e você vê o mundo de uma maneira diferente, vê as pessoas de maneira diferente, o seu relacionamento com o mundo e com as pessoas é diferente. O corpo já não é tão importante para mim, já foi em determinada fase da vida. Aquela fase que você precisa ter um corpo, que você se sintam bem por conta da sociedade, dos que estão em volta de você”. (P1)

“Fisicamente, sei que o corpo, mesmo tendo uma alimentação sadia, exercitando-se frequentemente e outros fatores ambientais, tende a sofrer mudanças e conseqüentemente limitações. Mentalmente, é que sempre procurei me manter informada sobre as novas tecnologias e atividades educacionais, participando de congressos, seminários, *workshops*; porém acho que o que me mantém jovem é minha maneira de ver a vida, bom humor, mente aberta... Trabalhar com crianças, para mim, é o meu elixir da juventude”. (P10)

Além disso, nota-se uma das peculiaridades da carreira de professor de Educação Física, que

muitas vezes desempenha atividades práticas em seu cotidiano: o significado do corpo como instrumento de trabalho:

“Não é por você estar na Educação Física, você cultuar o corpo, que isso vai criar confusão na sua cabeça. Nossa, o tempo todo estou trabalhando meu corpo. Mas é evidente que quando você vai ficando mais velha, você vai ficando menos capacitada para algumas coisas, você vai ficando limitada, né? Isso cria um pouco de desânimo”. (P1)

“Depois da minha cirurgia de coluna, tive que me readaptar e passei a trabalhar na secretaria das escolas”. (P8)

“Tenho problemas de saúde tipo: uma coluna operada, hérnias operadas, calos nas cordas vocais devido ao desgaste da profissão exercida em escola. Todos esses problemas tendem a se complicar com o tempo e isso começa atrapalhar o dia a dia do profissional [...]. No meu caso, como profissional de dança, folclore e ginástica rítmica, o corpo começa a apresentar limitações, até porque a coluna vertebral do indivíduo é o seu eixo. Um professor de Educação Física que sofre de coluna tem um desgaste físico maior da coluna do que em qualquer outra profissão”. (P11)

Parece haver um sentimento por parte dos professores em contemplar o que, de certo modo, seria uma exigência profissional: estar fisicamente disposto, apesar dos anos de profissão. Tal dado se coaduna com a imagem do professor de Educação Física atrelada ao componente eminentemente atlético-desportivo, forjado a partir do paradigma da aptidão física e esportiva, presente desde a implementação da Educação Física no Brasil, conforme afirma Bracht (1999).

Em função da valorização da *performance* do professor de Educação Física, há indícios de que o envelhecimento pode comprometer a funcionalidade ou a produtividade na atuação durante as aulas, pois alguns participantes mencionaram aspectos negativos relacionados às exigências laborais, como pode ser visto na fala abaixo:

“Eu tenho o clássico professor de Educação Física onde o elemento demonstrativo corporal deve ser efetivado. Com certeza, alguém que professa essa conduta vai sentir ao longo do tempo que determinados movimentos que fazia com grande naturalidade, hoje não está mais conseguindo. Até pode fazer os movimentos, mas tem um aditivo de dor, de não amplitude de movimento, um aditivo de alguma limitação, que ele se apercebe que deve fazer um esforço maior “pra” fazer algo que ele fazia sem esforço nenhum há um tempo atrás [...] Não dá “pra” comparar o aspecto físico, da exigência, que um grau de exigência de um professor clássico que tenta demonstrar “pra” turma através do seu desempenho, da forma, do movimento correto etc. e tal do que um professor que dá aula na frente de um quadro; (a idade) tem diferença”. (P3)

“Então mesmo nas aulas de judô, tem coisas que eu fazia antes, que hoje eu não tenho mais a capacidade “pra” fazer, naturalmente você vai envelhecendo, vai envelhecendo e você fica mais (comprometido) [...] você tem uma capacidade que aí, que vai diminuindo no que diz respeito à demonstração, na parte de demonstração, mas você vai, você desenvolve outras capacidades “pra” usar uma ferramenta verbal e transmitir “pro” aluno aquilo que ele precisa saber, né? Até é uma alternativa”. (P4)

“Na medida em que o tempo passou e que adquiri alguns problemas na coluna, certos movimentos ficam difíceis de executar. Faço acupuntura para aliviar as dores, porém quando chega o momento da aula estou sempre bem”. (P10)

Ainda que a atuação do professor de Educação Física possua outras dimensões que não apenas a técnica, por vezes o professor se defronta com a necessidade didática de realizar movimentos para demonstrar ao aluno. Para Faria Júnior e Faria (1999), tal capacidade normalmente entra em declínio com o processo de envelhecimento.

Não obstante, o aspecto prático da atuação, uma das particularidades profissionais, pode ser benéfico ao professor de Educação Física e à sua vida (saúde e, talvez longevidade), como evidenciado:

“Você tem um trabalho muscular diferente, as suas atitudes são outras, a sua maneira de ver, agir e pensar. [...] Eu acho que as pessoas da Educação Física tendem a ter uma vida... não saudável... como eu diria? - talvez ativa por mais tempo que uma pessoa que não é da Educação Física [...] Eu acho que as pessoas de Educação Física têm uma tendência a viver mais ativamente, por mais tempo e se dar melhor com essa questão da velhice”. (P1)

“Eu acho que pela forma que a gente dá aula, eu sou muito ligada à questão da prática. Lógico que favorece na minha saúde e na minha atividade de trabalho, meu gasto energético durante o dia é muito maior que de uma pessoa que trabalha mais sentada. Então, se o meu metabolismo já está mais lento, mas se eu tenho durante a semana atividades físicas, que atividade física é o meu trabalho em si, isso me facilita, eu já não tenho tanta dificuldade, que uma pessoa teria na minha idade, que está com o metabolismo mais lento, mas não é consciente, sabe? Eu tenho esse conhecimento, eu acho que um pouco favorece”. (P2)

“[...] não posso deixar de fazer atividades físicas. Me preocupo em fazer musculação, aeróbica e alongamento. Sei que quanto mais movimento eu fizer, mais mobilidade terei”. (P8)

Outro ponto a se observar é que um profissional muitas vezes dará atenção ao saber que está, ou sempre esteve, ligado à sua carreira. Para Stano (2001), o professor, ao envelhecer, usufrui de seu conhecimento para a própria vida. Nesse sentido, emerge dos dados certa especificidade do professor de Educação Física em relação aos conhecimentos sobre o corpo:

“A velhice, o avançar da idade, que venha bem serena e tranqüila, que não

tenha traumas, é preciso que a gente trabalhe o corpo. Então eu tenho isso muito consciente, até porque a gente da Educação Física tem pleno conhecimento disso. A gente sabe que se não trabalhar o tônus muscular, se a gente não tiver uma condição aeróbica, a gente vai ter “n” problemas, que a velhice vai agravar mais ainda. Então isso faz parte do meu objetivo de envelhecer bem psicologicamente e também a parte física”. (P1)

“Como professora de Educação Física, ou seja, corporal, adquirimos saberes sobre este corpo, mas nem sempre fazemos o melhor por ele. Penso que poderia estar menos sedentária”. (P11)

Em que pese à complexidade do tema, a vinculação da Educação Física à saúde é relatada desde a época do Higienismo (SOARES, 2004) até os dias de hoje. No âmbito escolar, está presente nas diretrizes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (COOPER; SAYD, 2006), bem como na tendência denominada Saúde Renovada (DARIDO; RANGEL, 2005); já no âmbito universitário, a saúde tem sido considerada um dos referenciais que legitimam a atuação profissional (SILVA, 1998; LÜDORF, 2004; SILVA et al., 2009).

Esse achado sobre a incorporação e aplicação de conhecimentos do professor de Educação Física para “amenizar” o processo de envelhecimento deve ser bem avaliado. Por um lado, estudos demonstram baixa taxa de sedentarismo entre professores de Educação Física (PALMA et al., 2007) e, também, maior dedicação e interesse pela vida pessoal no final da carreira (FOLLE et al., 2009), o que poderia indicar um cuidado maior com o próprio corpo; por outro, há evidências de que esse profissional geralmente não possui tempo ou “energia” suficientes para se manter ativo fisicamente, dadas as condições de trabalho a que normalmente é submetido:

“Durante a Educação Física, ele como profissional tem que ter um jogo de cintura, ele tem que ser flexível, ele tem que dar aulas em um milhão de lugares, ele tem que ser uma pessoa muito ativa, além de ter que estar estudando, se

aperfeiçoando, porque o mercado de trabalho é muito selvagem”. (P1)

“[...] na saúde foi só de uns dez anos para cá, eu não pensava muito nisso não, tanto que eu dormia uma hora da manhã e acordava às 5h, e não pensava nem um pouco sobre isso, e a gente acaba pagando. A alimentação, eu comia muito mal quando estava dando aula nesse período que era enlouquecido, cheguei a dar sessenta horas semanais dando aula [...] eu não me vejo mais fazendo agora, eu não me vejo fazendo muito menos daqui a oito anos, mas nem quero mais isso pra mim, foi um sacrifício enorme”. (P2).

“Você tem mais capacidade “pra” desenvolver atividades na medida em que você é mais jovem. Então, tinha coisas que eu fazia, quando eu comecei a trabalhar na rede municipal (antigamente) [...] era uma empreitada violenta, eu não sei se hoje eu teria capacidade física “pra” fazer o que eu fazia naquela época, né?” (P4)

Assim, ser avaliado a partir da aparência e da disposição física é uma questão que preocupa os professores quando se referem ao envelhecimento, principalmente por estar atrelada ao reconhecimento dos alunos e à competência ou mobilidade no mercado de trabalho da área. Isso ficou evidente na opinião de quase todos os professores investigados, ao falarem de si mesmos ou dos profissionais de modo geral:

“Eu ia falar da questão do *fitness*, o professor é um espelho. Ele precisa ter o corpo sarado, porque senão ninguém vai fazer aula com ele lá [...] Aí então eu acho que isso do espelho tem em alguns setores da Educação Física [...] Ele tem que estar em forma, senão daqui a pouco ele envelhece e vai perdendo mercado por questão do corpo. Então eu acho que aí pode surgir um pouco na questão do medo de envelhecer, por você dar conta que vai perder espaço no mercado. Ele vai ser mandado embora, substituído. [...] Agora um lugar onde você trabalha não precisa do corpo, você não precisa ter um corpo espetacular, é só você

continuar trabalhando do jeito que você vem trabalhando”. (P1)

“Na nossa profissão, se você vai dar aula e você já se coloca com uma cara cansada ou chega se arrastando, você pode estar cansada, mas você não pode falar que está cansada, porque você passa isso para o aluno, então o aluno já está desmotivado porque não gosta de atividade física e você já chega com aquela cara “pô, que saco, vou dar aula!” (P2)

“Hoje eu tenho vergonha. Estou muito acima do peso. [...] Algum dia, ele vai me deixar ridícula dando aula”. (P7)

“Reconheço que há uma cobrança sociocultural para que o professor de educação física seja um modelo da estética corporal dominante”. (P9)

“Tenho que passar para os meus alunos bom humor, alegria em participar das aulas”. (P10)

Parece que para o professor de Educação Física, a depender do ambiente em que atua, o envelhecimento do corpo pode representar um problema, uma vez que o declínio biológico pode, de certa maneira, repercutir negativamente na profissão. Ainda que o professor de Educação Física possa estar preparado para lidar criticamente com as demandas corporais contemporâneas (LÜDORF, 2009), em muitas ocasiões acaba sendo influenciado pela exaltação e imposição social de atributos vinculados à juventude. A estigmatização do envelhecimento, do estado depreciativo de “ser velho” na sociedade contemporânea (DEBERT, 2004), pode permear as concepções de corpo dos professores de Educação Física.

Esta interpretação é também recorrente na literatura. O uso de anabolizantes, a necessidade de praticar exercícios físicos para manter ou elevar o condicionamento físico a fim de ter *performance* nas aulas, o alto rigor tanto na dieta quanto na ingestão de suplementos/complementos alimentares, a utilização de remédios/medicamentos para emagrecer ou para se manter disposto fisicamente e a utilização de recursos estéticos são alguns exemplos da “batalha do

antienvelhecimento” muitas vezes protagonizada pelos professores de Educação Física (ESPÍRITO-SANTO, 2005; PALMA et al., 2007).

Cabe ressaltar, não obstante, que a (in)existência ou o nível de ocorrência das situações citadas podem ser diferenciados em cada âmbito de trabalho. Barros (2007) comenta que o envelhecer para o professor universitário pode ser sinal de prestígio e de reconhecimento acadêmicos. Hopf (2002) detectou situação semelhante em professores universitários de Educação Física. Já no âmbito do *fitness*, parece que a competência e o prestígio profissional, geralmente associados aos conhecimentos adquiridos com o passar dos anos, por vezes estão mais atrelados a outros requisitos, como, por exemplo, um corpo jovem (COELHO FILHO, 2000). Nesse sentido, é fundamental que as possíveis particularidades entre o envelhecimento do professor de Educação Física e suas relações com diferentes âmbitos de atuação sejam investigadas em futuros estudos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente artigo buscou-se analisar o processo de envelhecimento do professor de Educação Física a partir de um enfoque sociocultural que contemplasse as particularidades da docência na área. Em diálogo com a empiria, representada (e enriquecida) pela opinião dos próprios professores, foram discutidos alguns dos aspectos que transpassam as relações entre o processo de envelhecimento, a carreira e os significados atribuídos ao corpo pelo professor de Educação Física.

Sem a pretensão de que a abordagem empreendida nesta oportunidade esgote o tema, complexo e multifacetado, como se pode ter uma ideia a partir do exposto, algumas evidências podem ser destacadas.

Por um lado, o processo de envelhecimento do professor de Educação Física foi relatado como agradável e natural, uma vez que os saberes adquiridos e a busca constante de renovação do conhecimento podem representar maturidade pessoal e profissional. Além disso, a peculiaridade de atuar na prática e, conforme mencionado, ter domínio de conhecimentos

sobre o corpo e seu funcionamento, foi considerada, de certa maneira, uma particularidade da profissão, implicando em hábitos considerados saudáveis durante o envelhecimento de alguns profissionais da área.

Atuar como professor de Educação Física, por outro lado, remeteu a uma concepção de corpo no sentido de instrumento de trabalho, evidenciando o aspecto físico e de *performance*. Tais significados atribuídos ao corpo emergiram nas situações em que se descreve o desgaste proporcionado pela prática cotidiana ou a necessidade de demonstração de movimentos, que podem ser comprometidos diante do envelhecimento. Outro aspecto que deve ser destacado é que o estereótipo jovial arraigado na profissão e, de certa forma, compartilhado pela

sociedade contemporânea, está associado à ideia de que o corpo jovem e performático seria requisito básico para atuar na área de Educação Física, dado que apresentou diferentes interpretações por parte dos professores pesquisados.

Tais considerações reforçam a necessidade de aprofundar as investigações em torno do processo de envelhecimento do professor de Educação Física, especialmente no que se refere às especificidades dos diferentes ambientes de trabalho e às eventuais implicações para a carreira. Ainda que tal temática seja revestida de importância, trata-se de assunto ainda a ser desbravado na literatura da área.

AGING AS A PHYSICAL EDUCATION TEACHER: A DISCUSSION ABOUT THE BODY AND THE PROFESSION

ABSTRACT

Aging is an issue that has been studied by different areas. However, there is a gap concerning to studies related to the aging of the teacher of Physical Education. This study aims to discuss some aspects about the aging process, the peculiarities of the profession and the meanings attributed to the body by teachers of Physical Education. Data were collected using deep interviews and open questionnaires with school and university teachers. The aging process was perceived as positive when some attributes were linked positively to the career such as: the acquired knowledge and the search for new ones and the specific understanding about the body. The peculiarity of working in practice, on the other hand, referred to the meaning of the body as a working tool, especially when associated with a youthful stereotype, wearing and to the physical performance.

Keywords: Body. Aging. Physical Education.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

BARROS, M. M. L. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

BATISTA, P. H. **Trabalho & saúde dos professores de educação física nas escolas municipais do Rio de Janeiro**. 2008. 97 f. Dissertação (Mestrado em Ciências na área de Saúde Pública)-Escola Nacional de Saúde Pública Sergio Arouca, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2008.

BEAUVOIR, S. **A velhice: a realidade incômoda**. 2. ed. São Paulo: Difel, 1976.

BOTH, J.; NASCIMENTO, J. V.; BORGATTO, A. F. Percepção da qualidade de vida no trabalho ao longo da carreira docente em Educação Física. **Revista Brasileira Cineantropometria & Desempenho Humano**, Florianópolis, v. 10, n. 4, p. 372-378, 2008.

BRACHT, V. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. **Cadernos Cedex**, Campinas, SP, v. 19, n. 48, p. 69-88, ago. 1999.

COELHO FILHO, C. A. A. O discurso do profissional de ginástica em academia no Rio de Janeiro. **Movimento**, Porto Alegre, v. 6, n. 12, p. 14-24, 2000.

COOPER, C. L. F.; SAYD, J. D. Concepções de saúde nos parâmetros curriculares nacionais. In: BAGRICHEVSKY, M.; PALMA, A.; ESTEVÃO, A.; DA ROS, M. A. (Org.). **A saúde em debate na Educação Física**. Blumenau: Nova Letra, 2006. v. 2, p. 179-202.

DARIDO, S. C.; RANGEL, I. C. A. **Educação Física na escola: implicações para prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

DEBERT, G. G. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade. In: BARROS, M. M. L. **Velhice ou terceira idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007. cap. 3, p. 49-67.

DEBERT, G. G. **A reinvenção da velhice**. São Paulo: Edusp, 2004.

ESPÍRITO-SANTO, G. **Representações sociais da saúde dos professores de Educação Física que atuam em academias do Rio de Janeiro**. 2005. 218 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física)-Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação Física, Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

- FARIA JUNIOR, A. G.; FARIA, E. J. C. Didática de Educação Física. In: FARIA JUNIOR, A. G.; CUNHA JUNIOR, C. F.; ROCHA JUNIOR, C. P.; NOZAKI, H. T. **Uma introdução à Educação Física**. Niterói: Corpus, 1999. cap. 12, p. 341-383.
- FOLLE, A. et al. Construção da carreira docente em Educação Física: escolhas, trajetórias e perspectivas. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 25-49, jan./mar. 2009.
- FREITAS, D. C.; SILVA, F. A. G.; LÜDORF, S. M. A. O corpo e a prática dos professores de academias de ginástica de pequeno porte do Rio de Janeiro. **Lecturas en Educación Física y Deportes**, Buenos Aires, año 13, n. 124, set. 2008. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd124/o-corpo-e-a-pratica-dos-professores-de-academias-de-ginastica.htm>>. Acesso em: 2 dez. 2009.
- HOPF, A. C. O. Fico ou vou embora?: os sentimentos expressos por professores diante da aposentadoria. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 89-96, 2002.
- HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Ed. Porto, 2007. cap. 2, p. 31-61.
- LEMOYNE, J. et al. Occupational health problems and injuries among Quebec's physical educators. **Applied Ergonomics**. Maryland Heights, v. 38, p. 625-634, 2007.
- LIMA, A. M. M.; SILVA, H. S.; GALHARDONI, R. Successful aging: paths for a construct and new frontiers. **Interface. Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 12, n. 27, p. 795-807, out./dez. 2008.
- LÜDORF, S. M. A. Corpo e formação de professores de Educação Física. **Interface. Comunicação, Saúde e Educação**, Botucatu, v. 13, n. 28, p. 99-110, jan./mar. 2009.
- LÜDORF, S. M. A. **Do corpo design à educação sociocorporal**: o corpo na formação de professores de Educação Física. 2004. 264 f. Dissertação (Doutorado em Educação)-Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.
- MASCARO, S. A. **O que é velhice**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1994.
- NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vida de professores**. 2. ed. Porto: Ed. Porto, 2007. cap. 1, p. 11-30.
- PALMA, A. et al. Saúde e trabalho dos professores de educação física que atuam com atividades aquáticas. **Arquivos em Movimento (UFRJ)**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 81-101, jul./dez. 2006.
- PALMA, A. et al. Trabalho e saúde: o caso dos professores de educação física que atuam em academias de ginástica. **Cadernos IPUB (UFRJ)**, Rio de Janeiro, v. 13, p. 11-30, 2007. Paulo: Hucitec, 1994.
- SANDELOWSKI, M.; BARROSO, J. Classifying the findings in qualitative studies. **Qualitative Health Research**, California, v. 13, n. 7, p. 905-923, 2003.
- SANTINI, J.; MOLINA NETO, V. A síndrome do esgotamento profissional em professores de Educação Física: um estudo na rede municipal de ensino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 209-222, jul./set. 2005.
- SANTOS, N. Z.; BRACHT, V.; ALMEIDA, F. Q. Vida de professores de Educação Física: o pessoal e o profissional no exercício da docência. **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 141-165, abr./jun. 2009.
- SILVA, A. C. et al. A visão de corpo na perspectiva de graduandos em Educação Física: fragmentada ou integrada? **Movimento**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 109-126, jul./set. 2009.
- SILVA, J. L. B. A concepção de corpo dos acadêmicos do curso de Educação Física da Universidade Federal de Santa Maria/RS. **Kinesis**, Santa Maria, n. 19, p. 85-103, 1998.
- SOARES, C. L. **Educação Física**: raízes européias e Brasil. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.
- STANO, R. C. M. T. **Identidade do professor no envelhecimento**. São Paulo: Cortez, 2001.
- TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa**: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

Recebido em 25/12/09

Revisado em 22/08/10

Aceito em 22/09/10

Endereço para correspondência: Alan Camargo Silva. Av. Marechal Henrique Lott, 70, apt. 1014, Barra da Tijuca, CEP: 22631-370, Rio de Janeiro-RJ, Brasil. E-mail: alancamargo10@gmail.com